

1

O contínuo esgarçou um sorriso cúmplice:

– O senhor Administrador não demora... Faça favor...

Afeito à nudez sebosa das repartições, o recém-chegado abafou uma voz de espanto ao passar a uma saleta cujo requinte no arranjo escondizia com tudo o que vira em tão ingrácioso edifício: era uma dependência fofa, não grande, toda de veludos vermelhos, lambris dourados, cristais e móveis reluzentes, onde, pelos repositores entreabertos, a luz, que do céu azul-ferrete se derramava a jorros sobre a vila, vinha molemente esparrinhar-se num tapete de Arraiolos... «*Um casulo!*...»

Em jarra de charão, quatro botões de rosa punham uma mancha de sangue numa secretária cujos pés, semelhando pelourinhos quinhentistas, se plantavam em supedâneos de cobre areado. Mimo de engenho e graça era o tinteiro de vidro e prata velha, a modos de esfera armilar, sobre a qual, num espanejamento de asas, se debruçavam dois anjinhos obesos e tutelares!...

Abafava-se! O homem puxou do lenço para enxugar a testa quando se lhe pousaram os olhos no coriscar de uma consola que ocupava o desvão entre janelas: sob redoma, uma «violeta de ouro» jazia em fundo de veludilho azul... Aproximou-se e leu um pergaminho em forma de iluminura: «1.º Prémio dos Jogos Florais da Emissora...» Nesse comenos, sentiu-se observado: um sujeito franzino, dos seus cinquenta anos, estava no passo da porta, a mirá-lo com olhinhos piscos e pisados como chapas de vintém.

– Agente António Santiago.

O outro topetou ligeiramente a cabeça e fechou a porta atrás de si:

– Queirra sentarr-se – convidou, numa voz débil, dando volta à secretária, a tomar lugar num cadeirão cravejado de metal.

– Chegou há muito?

– No comboio das duas, senhor Administrador.

Houve um silêncio e a sala rescendeu a alfazema...

– Ah!, meu carro senhorr, como tudo isto é desagrradável... Medonho e desagrradável...

Santiago mordeu o riso àqueles *rr* aristocráticos que se arrastavam, rolados e carregados com súbita importância como ronrom de gato nédio. «*Um raque-raque de bicho de seda...*» – considerou, divertido.

– ...Um homem tão estimado!... Na forrça da idade!...

– Envenenado...?

– Envenenado! – objectou, erguendo da mesa o olhar mortiço. – Trretas, meu carro senhorr!.. Parrvoíce de viúva! Ela é que inventou toda esta indrrómina... e gostava de saberr com que intuito!... E, ainda porr cima, chama-me o borra-botas de um médico que, com os ouvidos cheios, se recusa a cerrtificarr o óbito!...

Tinha-se levantado e dava dois passos nervosos pela sala:

– Mas o piorr, meu carro senhorr, o piorr é que já há quinze mil bocas a falarr de crrime, quinze mil cabeças a conjecturrarr sobre o assassino!... – Calou-se, passando o lenço perfumado pela fronte indignada. – Ainda se fosse um labrrrego qualquerr que aparrecesse porr aí, num caminho, com a cabeça rachada ou uma facada na barriga!... Um dos homens que mais fez porr esta terra! Porrque fala a parrva da mulherr em envenenamento?!...

O agente seguia-o com os olhos, atento a apurar-lhe o sentido das palavras. Não o significado imediato, senão o sentimento que as ditava. Pretendia ele: *é como fala e não pelo que diz* que o homem se revela.

– Mais: inventando esse disparrate, está implicitamente a acusarr-nos! Fomos umas dez pessoas a passarr a noite com ele. Comemos do que comeu, bebemos do que bebeu. Quando o deixámos, à uma da manhã, estava de perrfeita saúde! Um pouco mais tarrde, morre a berrarr que o tinham envenenado!... – Teve um dar-de-ombros colérico. – É, pelo menos, o que diz a mulherr, porrque mais ninguém deu porr nada!

– Quer dizer – lançou o investigador, cujos olhos chispavam, curiosos – os senhores foram os últimos a vê-lo vivo?

Encarou-o, desconfiado:

– Tinha-nos convidado parra jantarr!... Érramos os seus melhores amigos!...

Sem atinar porquê, a Santiago apeteceu exasperá-lo:

– Infelizmente, nessa matéria, temos o exemplo dos Bórgias...
 – Isso erra na Itália antiga, meu carro senhorr! – voltou, cravando nele um olhar estupefacto e mau. – Não em Vila Velha, em 1948! Aqui, as pessoas são capazes de se esgadanharrem... de se cacetearem, mas usarrem de venenos... nunca!

«*Bravo! O bicho-da-seda transforma-se em abelhão!...*» Implicador, teimou, pondo-se de pé:

– Todas as coisas têm um começo, senhor Administrador...

– Não entre gente como deve serr! Conheço os meus administrados, meu carro senhorr!... Não digo que o vulgacho, porr dá-cá-aquela-palha, não seja capaz de rixas... Mas, entre pessoas de bem, entre gente que se estima?!... – E abanou a cabeça numa negativa formal!

«*As pessoas de bem!...*» Santiago foi até à janela e, com arredar o reposteiro, bateram-lhe as pálpebras sob a rebrilhação farta e branca do empedrado do Largo.

Na leitaria, à esquina, um homem dormitava, espapaçado numa cadeira de verga, e na farmácia, defronte, havia um como que passar de vultos cosidos com sombra quente de pesados armários. «*Safa! Onde eu me vim meter!...*» – Declarou, provocante:

– Há quem não tenha fígados para jogar uma facada, senhor Administrador... e o veneno tem a vantagem de não deixar rasto... Em princípio!... – Voltou-se, encolhendo os ombros: – A autópsia nos dirá!...

– O homem erra um poço de doenças... Morreu de morte natural, foi o que foi!...

Consideraram-se fixamente, e cresceu entre ambos um silêncio pesado. A passos lentos, o agente veio apoiar-se no espaldar da poltrona, diante da secretária:

– Que espécie de homem era ele?

O outro teve uma hesitação.

– Um sujeito admirável... Amigo do seu amigo. «*Mentes!...*»

– Franco... Leal... Evidentemente – acrescentou, amargo, dardejando-lhe uma mirada a soslaio – há quem diga que erra um cigano... que enriqueceu à custa de aldrabices... Eu, como administrador, só lamento que todos não sejam como ele!... Vila Velha seria uma terra prróspera, moderna, meu carro senhorr! Vá-me aí porr essas ruas: «A Loja das Modas»... «A Mobiladora»...

«A maior e mais fina mercearia do Baixo-Ribatejo»... o «Barr do Barrete Verde»... dele!

– Fortuna bem assente.

– Granjeada por um homem espantoso, da cepa dos Rockfeller – Teve uma risadinha silenciosa. – Ah!, muitas vezes lhe disse «você, homem, devia ter nascido na América! Aquilo, sim, é terra para gente do seu arcaiboço!»... Aqui, erra grande... mas às nossas proporções...

E, como se asfixiara na pequenez nacional, botou mão ao reposteiro – uma lufada tórrida fê-lo, porém, recuar:

– Apre! Está de morrer!

Santiago sorriu à oportunidade da exclamação, mas o outro ia prosseguindo, enfático:

– Erra decerto um homem de baixa extracção: varrino; mas soube tornarr-se um dos nossos proprietários mais abastados!... Como deve saberr, Vila Velha é terra de lavradores... Pois ele erra o único que se dava ao trabalho de tomarr o barrco e irr à outra banda corrrer a fazenda!...

E cacarejou uma casquinada de mofa, lembrando a Santiago o que o Padre Manuel Bernardes pensava de abegões e feitores!...

– ...Toma uma cerveja?

Santiago pestanejou como se acordara: tivera uma ausência. O administrador continuara certamente a discorrer e ele, pegando-lhe de uma frase, deixara de ouvir...

– Se preferre outra coisa...

– Muito obrigado: uma cerveja.

– João – dizia já o outro ao contínuo, que passava a cabeça vagamente embrutecida pela abertura da porta. – Vai ao café buscarr uma cerveja e um copo de água do Luso... Fresquinha, am!

Reinou um silêncio parado e só o reposteiro se enfunou um instante na penumbra fatigada.

– Os outros lavradores eram amigos dele?

O administrador rasgou um sorriso breve:

– Amigos... vamos indo! Davam-se, mas nunca o recebem de braços abertos!... É que o senhor não conhece Vila Velha! Há aqui, como dirrei?, uma espécie de mentalidade hierárquica

que classifica os homens em lavradores e em gente sem terras... Entre os primeiros, há ainda os que vêm de longe e os de fresca data... Orra, o Manel da Florrinda, quero dizerr: o Manuel dos Santos, só há dois anos é que começou a dedicarr-se à lavourra!... Aos olhos dos outros, foi sempre um *parvenu!*...

«*E aos teus?*»

– ...Mas isso não querr dizerr nada! Estimavam-no, apreciavam-lhe a honestidade, gabavam-lhe o atrevimento nos negócios!... Ambicioso? Claro que erra! Mas que serria do mundo sem a ambição de uns tantos?!...

Anuiu Santiago por cortesia, refreando um bocejo frouxo. – Efectivamente estava de morrer!...

Arejando-se com o lenço, também o administrador se queixou. Detestava o Verão, abominava aquela soalheira inclemente!... Convinha que fosse de grande préstimo na lezíria. Mas ali!... Ah!, felizmente, daí a dias, partiria para a Foz do Arelho!... O senhor investigador conhecia? Uma praia admirável, ainda meio selvagem...

– Como passou ele as últimas horas?

Interrompido bruscamente, fitou-o perplexo:

– Felícissimo, creio eu!... Regalou-nos com um jantarr magnífico e levou a noite à converrsa, bem disposto, a mostrarr o palácio... De resto, foi parra isso que nos convidou: parra comemorrarr a sua instalação no Bulhão!

Baixou a voz, dobre:

– Deixe-me dizerr-lhe entre parrêntesis, parra verr como esta gente é, que se falou parra aí em cobrras e lagarrtos: «que o Manel da Florrinda erra um gatuno», «que intrrujarra o D. Luís Castanheirra parra lhe abarrbatarr a quinta»... O diabo a sete!

– E há nisso alguma verdade?

Havia agora! Mas que queria ele? Aquela gente não percebia que o mundo não marcha com bons sentimentos e que negócios são uma coisa e agradar ao povo é outra!

– O fidalgo está com a corrdna na garrganta; as terras têm-se-lhe ido pela água abaixo. Hipotecou a quinta e o Manuel dos Santos acabou porr ficarr com ela. É norrmal, não acha? – Regougou

miúdo. – Aqui parra nós, fez um negócio da China porrrque o raio da prropriiedade é mesmo um brrinquinho...

Calou-se: o contínuo vinha entrando com os refrigerantes sobre a bandeja e pousou-os, entre ambos, numa mesinha baixa.

– O Manel da Florrinda – prosseguiu, dolente, quando o empregado saiu – teve tudo quanto quis nesta vida!... Só uma coisa lhe faltou: o bom-gosto!... Crreia, aquele palácio, bem restaurado, ficaria um segundo Queluz!... Trrouxe lá pedreiros, pintorres, estocadorres de Lisboa... e o casarrão está uma coisa sem grraça nenhuma!...

– A que horas morreu ele?

– Esta madrugada... às duas!...

– E não podemos admitir a hipótese do suicídio?

Não. Era demasiado terra-a-terra e possuía grandes bens neste mundo para os abandonar de ânimo leve. – Ajuizou:

– O que foi, morreu de morrte natural e a mulherr, que não pode negarr que é varrina, larrgou a bujarrda parra verr o efeito que faz!...

«Porquê?!»

– ...O senhorr vai verr a bicha que ali está: uma virrago! – Pousou o copo na mesa. – Ah!, é bem verrdade que o dinheirro dá tudo, menos boas maneirras!...

– Quem assistiu ao jantar? O senhor Administrador pode dar-me a lista dos convidados?

– Pois não...

Santiago levantou-se para desentorpecer as pernas. A cerveja não o desalterara e vinha-lhe uma quebreira a todo o corpo. Na leitaria, o homem lá continuava esmagado pelo mesmo abatimento mole e, no Largo, um cão alçava a pata magra contra o candeeiro que se erguia no centro. «*Que raio de terra onde vim cair!... E, ainda por cima, o gajo morre em má época! Carambinha para o negócio!...*» Voltou-se: na consola a «violeta de ouro» tinha cintilações de arco-íris...

– Foi vossa excelência quem mobilou esta sala?

O outro, que se aproximava com a lista, rompeu num rir lisonjeado:

– Cada um tem a sua mania, meu carro senhorr... e eu, confesso, não posso viverr forra de um cerrto decorro!...

E, afagando os móveis com o olhar do feliz proprietário, esclarecia ser aquele gabinete o seu refúgio, a sua toca... Entre aqueles *bibelots*, aquelas pinturas, aquelas antiguidades, estava a mil léguas do que se passava lá fora:

– Quando passo esta porrrta, liberrto-me, deixo a máscara de homem público: sou eu!

Santiago sorria, vendo-o descontraído, ditoso por falar de si, dos seus gostos, das suas predilecções. – O belo!... Ah!, o belo era a sua paixão!... – barrufou como se troçara de defeito trivial: – O meu *pêché mignon!*...

Mas já se lhe entenebrecia o rosto:

– Quando me destacarram parra cá, não queirra saberr!... Esta Câmara parecia um aljube, nua, fria, com uns ttrastes horrorrosos!...

Sim, de início, aborrecera Vila Velha – terra de campónios e varinos. Odiara-lhe o Verão, abominara-lhe o Inverno: um pela inclemência do sol, o outro pelo desabrimento do rio! Contudo, fora-se afeiçoando, criara amizades... E, sobre ser de verdadeiros encantos naturais, era uma terra com um passado tão rico, senhora de tão venerandas relíquias!...

– Porr exemplo: essa quinta do Bulhão!... Uma maravilha, uma lição de história!... Ah!, se a Câmara tivesse mais fundos...

– É longe daqui?

– Não, a meia encosta. Vá, vá até lá: a viúva está à sua esperra...

O agente despediu-se: – Se o senhor Administrador necessitasse dos seus préstimos, estava hospedado na «Pensão do Ribatejo», ao lado da Estação...

– Se Deus quiserr, não há-de serr ppreciso!...

E, sorridente, veio acompanhá-lo à porta, dando-lhe palmadinhas nas costas:

– Trrate mas é de convencerr a mulherr de que o marrido morreu de morrrte natural... e que lhe faça um bonito enterro!